

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA
14 de Outubro de 2020

OÙ EST-CE QU'ON SE “MAI”? / 1976

um filme de Iona Wieder (Les Insoumuses)

Realização: Iona Wieder (Les Insoumuses) / **Produção:** Les Insoumuses / Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir (França, 1976) / **Duração:** 55 minutos / **Cópia:** Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, em DCP (a partir da digitalização da banda vídeo original), preto e branco, legendada eletronicamente em português / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

- No fundo, em que consiste o seu feminismo?
- Na minha comunicação com as outras mulheres, é a primeira coisa. Escutar as outras mulheres, falar-lhes... não poderia viver sem isso.”

Delphine Seyrig, entrevista televisiva com Anne Sinclair, *L'Invité du Jeudi*, France 2, 24-3-1986

“Nas ruas a caça às mulheres está aberta todo o ano”

“Papá e patrão, a mesma exploração”

Slogans dos cartazes do filme

Ao mesmo tempo que desenvolvia o seu trabalho como atriz, o progressivo envolvimento de Delphine Seyrig nas lutas dos movimentos feministas contribuiu para a sua cada vez maior tomada de consciência da fragilidade do papel das mulheres no mundo do cinema, na sua maioria afastadas das grandes decisões, e da fragilidade dos papéis que lhes eram na maior parte das vezes consagrados enquanto atrizes. Não abandonando essa vertente do seu trabalho, Seyrig começa a revelar um cuidado acrescido no sentido de uma escolha de papéis que desempenha, ao mesmo tempo que protagoniza um conjunto de trabalhos realizados por mulheres, entre elas Marguerite Duras, Ulrike Ottinger ou Chantal Akerman. De entre estes, neste Programa mostramos **La Musica**, filme de 1966 assinado por Paul Seban e Marguerite Duras, que parte de uma peça homónima da primeira – antecedendo a mais famosa participação de Seyrig no famoso díptico **India Song / Son Nom de Venise Dans Calcutta Désert**, respectivamente de 1975 e 1976, e **Jeanne Dielman...** (1975), de Chantal Akerman –. É precisamente na mesma altura em que protagoniza estes três belíssimos filmes verdadeiramente “revolucionários” no contexto da história do cinema que Seyrig inicia a sua actividade enquanto cineasta militante, juntando-se à sua amiga Iona Wieder, assim como a Carole Roussopoulos, formando o colectivo **Les Insoumuses**, conhecido pelo seu “activismo-vídeo”.

Où est-ce qu'on se “Mai”? faz parte do catálogo de filmes extremamente politizados que, a solo ou em conjunto, estas mulheres assinam a partir de 1974, vários dos quais têm sido mostrados ao longo destas sessões. Não obstante as suas diferenças, apresentam alguns traços comuns, nomeadamente: a velocidade de filmagem, dada a necessidade de traduzir a

urgência do momento, ou o recurso à portabilidade do vídeo, entendido como suporte privilegiado para traduzir as aspirações da luta pelas liberdades das mulheres nesses anos, indo ao encontro de um desejo de construir espaços autónomos que permitissem às mulheres abordar as suas experiências e lutas, sem qualquer tipo de mediação. O vídeo havia sido trazido para o grupo por Carole Roussopoulos que, uns anos antes, juntamente com Jean-Luc Godard, havia sido uma das primeiras pessoas em França a adquirir uma câmara Portapak da Sony e que no início da década de setenta já havia formado com o seu marido um primeiro colectivo militante vídeo, *Vídeo Out* (que participa na produção do já exibido **Les Prostituées de Lyon Parlent**). “Les Insoumuses” não só sucederia a este colectivo como resultaria da transformação de um outro muito sintomaticamente auto-denominado “Les Muses s’amusent”.

Curiosamente este período coincide com o período em que se assiste a um desenvolvimento de um cinema militante também em Portugal, saído da Revolução de Abril de 1974, que se propunha retratar e intervir simultaneamente no processo revolucionário em curso e no qual em muitos dos objectos filmados surgiam questões especificamente femininas e reivindicações das mulheres, que representaram um papel determinante em todo esse processo pós-revolucionário (num dos filmes de Seyrig já aqui mostrado, **Les Trois Portugaises** (1974), constatámos a importância do papel de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa no caso português). Mas o que no cinema mais militante português se traduzia numa vontade tantas vezes enunciada de “dar voz ao povo”, que até aí não teria voz, aqui inscrevia-se numa vontade mais específica de dar voz às mulheres.

Où est-ce qu’on se “Mai”? documenta as manifestações do 1º de maio de 1976 e em concreto o desfile feminista que aí se integrou e toda a controvérsia que acompanhou estes eventos e a violência de que as manifestantes foram alvo por parte de elementos da CGT (Confederação Geral do Trabalho). Enquanto filme não tem a força de outras produções das “Insoumuses” desse ano como **SCUM Manifesto** ou **Maso et Miso vont em Bateau**, mas o que em primeiro lugar nos surpreende é a imaginação e a acutilância da própria luta nas ruas, transcrita nos slogans e das palavras de ordem inscritas nos cartazes empunhados pelas mulheres na manifestação, cujas “imagens” se inscrevem ao longo das várias partes do filme, interrompendo frequentemente entrevistas e conversas entre as participantes. A par do modo como as várias mulheres a quem é dada a voz falam dos acontecimentos e da violência a que foram sujeitas ao serem atacadas juntamente com os seus filhos por elementos da CGT, o que sobressai do filme é também a alegria que transparece na sua manifestação e o discurso sobre a mesma, em que a par das palavras de ordem encontramos alegres e imaginativas canções entoadas em uníssono.

Où est-ce qu’on se Mai? é assim mais um filme que revela o potencial do vídeo no acesso e controlo do discurso por parte das mulheres e todo o potencial político de um vídeo-activismo que realiza simultaneamente uma crítica dos próprios media, apresentando-se como uma alternativa. É nesse sentido que é extramente interessante o último cartão do filme, que nos revela como encomendá-lo ao domicílio: testemunha do modo como as lutas dos movimentos feministas se faziam como uma guerrilha. Se estas eram questões que estavam na ordem do dia nos anos setenta, permanecem hoje extremamente actuais, como revelou recentemente a filósofa e activista feminista Silvia Federici a propósito da edição de uma das suas obras em português.